

CRER PARA COMPREENDER

A honra por carta

A carta de Alexandre Balas em 1 Macabeus, o protesto do deserto nos manuscritos do mar Morto e o sumo sacerdote chamado por Deus em Hebreus 5

D. G. DE SOUZA

HAC-S02-006

VI No dia do jejum deles

VII Os filhos de Zadoque

VIII Quem era o Sacerdote Ímpio?

IX O sacerdote que o deserto esperava

X Ninguém toma para si esta honra

XI Forte clamor e lágrimas

XII A pessoa e o ofício

Capítulo I

Uma veste santa e uma carta

Em setembro ou outubro de 152 a.C., Jerusalém celebrava a festa das Cabanas. A Lei mandava tomar "fruto de árvore formosa, folhas de palmeira, ramos de árvore frondosa e salgueiros do ribeiro" e morar sete dias em tendas, e Neemias lembra as tendas de ramos armadas nos terraços, nos pátios das casas e "nos pátios da casa de Deus".[1] Naquele ano, no meio das tendas e das palmas, Jônatas, o filho de Matatias que comandava os judeus fiéis desde a morte do irmão, Judas, o Macabeu, vestiu a veste do sumo sacerdote. Segundo 1 Macabeus, ninguém da família dele a tinha vestido antes. E o que o autorizava a fazer isso era uma carta.



A festa dos Tabernáculos, ou das Cabanas, na sinagoga de Great St Helen's, em Londres: a arca aberta, rolos da Torá levados em procissão e, à direita, um homem com o ramo de palmeira. Gravura em aço colorida à mão, de Henry Melville segundo desenho de Thomas Hosmer

Shepherd (Londres, 1841); mostra o culto de uma sinagoga do século XIX, e não o Templo de 152 a.C. (domínio público).

Henry Melville segundo Thomas Hosmer Shepherd, Londres, 1841 (domínio público)

1 Macabeus 10:20

καὶ νῦν καθεστάκαμέν σε σήμερον ἀρχιερέα τοῦ ἔθνους σου καὶ φίλον βασιλέως καλεῖσθαί σε (καὶ ἀπέστειλεν αὐτῷ πορφύραν καὶ στέφανον χρυσοῦν) καὶ φρονεῖν τὰ ἡμῶν καὶ συντηρεῖν φιλίας πρὸς ἡμᾶς

"E agora te constituímos hoje sumo sacerdote da tua nação, e que sejas chamado Amigo do Rei (e enviou-lhe púrpura e coroa de ouro), e que tenhas os nossos interesses e guardes amizade conosco."

Quem escrevia era Alexandre, um rei novo, que tinha ocupado Ptolemaida, o porto que hoje se chama Aco, e começado a reinar ali, disputando o trono da Síria com Demétrio I. A carta abre com "O rei Alexandre ao irmão Jônatas, saudações", e o "irmão" é fórmula de corte, e não parentesco: os reis da época chamavam assim os seus grandes. "Amigo do Rei" também era posto da corte, com roupa própria, e por isso o narrador interrompe a frase do rei para dizer o que chegou junto: púrpura e uma coroa de ouro.[2]

A carta diz que o rei "constituiu" Jônatas sumo sacerdote, com o verbo grego das nomeações, *kathístēmi*; que o fez "hoje"; e que Jônatas seria "chamado" Amigo do Rei. Não diz nada sobre a família sacerdotal dele, nada sobre unção, nada sobre o consentimento dos sacerdotes. A autoridade que nomeia é o rei, e o meio é uma carta.

1 Macabeus 10:21

καὶ ἐνεδύσατο Ιωναθαν τὴν ἁγίαν στολὴν τῷ ἑβδόμῳ μηνὶ ἔτους ἑξηκοστοῦ καὶ ἑκατοστοῦ ἐν ἑορτῇ σκηνοπηγίας καὶ συνήγαγεν δυνάμεις καὶ κατεσκεύασεν ὅπλα πολλά

"E Jônatas vestiu a veste santa no sétimo mês do ano cento e sessenta, na festa das Cabanas, e reuniu tropas e preparou muitas armas."

"A veste santa" é a expressão da Bíblia grega para as vestes de Arão, feitas "para honra e glória" (Êxodo 28:2). O autor de 1 Macabeus usa essa expressão e, na mesma frase, sem mudar de tom, acrescenta as tropas e as armas. O sumo sacerdote novo era também chefe militar.[3]

Como se chega a 152 a.C.

1 Macabeus conta os anos pela era dos selêucidas, a dinastia grega que reinava na Síria. Pela reconstrução mais aceita, nos fatos judaicos o ano 1 começa na primavera de 311 a.C., no mês de Nisã. A conta fica simples: o ano N começa na primavera de 312 menos N antes de Cristo, e o ano 160, na primavera de 152 a.C. O sétimo mês, contado a partir de Nisã, é Tishri, e a festa das Cabanas começa no dia 15 desse mês (Levítico 23:34). Daí, setembro ou outubro de 152 a.C., com margem de poucos meses.

Uma fonte de história

Uma palavra sobre o livro, dita uma vez só. 1 Macabeus faz parte da Bíblia católica e da ortodoxa, e o Concílio de Trento o pôs na lista dos livros sagrados. As igrejas da Reforma não o contam como Escritura: para a Confissão de Westminster, os apócrifos "não fazem parte do cânon da Escritura", e os Trinta e Nove Artigos dizem que a Igreja os lê "para exemplo de vida e instrução de costumes", mas não "para estabelecer doutrina alguma".[4] É assim que o livro

entra aqui: como documento histórico precioso, escrito por volta de 100 a.C. por um partidário da família de Jônatas, para quem as honras dadas pelos reis eram vitória.

A pergunta deste fascículo

Como vimos no fascículo sobre a dinastia dos hasmoneus, a família de Jônatas governou com uma legitimidade emprestada, e o decreto que deu o cargo ao irmão dele, Simão, em 140 a.C., ainda dizia "até que se levante um profeta fiel".[5] Este fascículo volta ao dia em que a família recebeu a veste e faz duas perguntas. Quem deu a Jônatas o sumo sacerdócio? E por que, num grupo de sacerdotes que se retirou para o deserto, o sumo sacerdote de Jerusalém passou a ser chamado de "o Sacerdote Ímpio"?

---

1. Levítico 23:34–42 e Neemias 8:15–16, no hebraico do texto de Leningrado (WLC).
2. 1 Macabeus 10:1, 10:18–19 e 11:30; "Amigo do Rei" em 3:38 e 11:58. Os textos de 1 e 2 Macabeus foram lidos no grego da Septuaginta de Rahlfs; todas as traduções deste fascículo são do autor.
3. Êxodo 28:2 na Septuaginta: στολὴν ἁγίαν ... εἰς τιμὴν καὶ δόξαν. Josefo, *Antiguidades* 13.46, no grego da edição de B. Niese, também separa a veste e as armas.
4. Concílio de Trento, sessão IV (1546), que lista "dois livros dos Macabeus, o primeiro e o segundo"; Confissão de Westminster (1647) 1.3; Trinta e Nove Artigos (1571), artigo 6. A data de 1 Macabeus se deduz de 16:24, que remete ao sumo sacerdócio de João Hircano.
5. 1 Macabeus 14:41; fascículo *Dos Macabeus a Pompeu* (HAC-S02-009).

Capítulo II

O leilão dos dois reis

Alexandre não foi o único a escrever. Demétrio I, segundo 1 Macabeus, se lamentou de que Alexandre lhe tinha "passado à frente em ganhar a amizade dos judeus" e escreveu também, mas "à nação dos judeus", e não a Jônatas. Ofereceu o fim dos tributos e do imposto do sal, Jerusalém "santa e isenta", a fortaleza da Acra entregue "ao sumo sacerdote", sem dizer o nome dele, trinta mil judeus no exército do rei e quinze mil siclos de prata por ano para o santuário. Se a carta é autêntica, discute-se. E ela tem uma ironia que o texto deixa ver: Demétrio "dá" Ptolemaida "ao santuário de Jerusalém", mas Ptolemaida estava nas mãos de Alexandre.[1]



Tetradracma de prata de Demétrio I Sóter, com a cabeça do rei de diadema, cunhado em Akê-Ptolemaida entre 162 e 150 a.C.: o rei que escreveu "à nação dos judeus" e caiu em batalha contra Alexandre em 150 a.C. Bibliothèque nationale de France, Monnaies, médailles et antiques (domínio público).

Tetradracma de Demétrio I Sóter, Akê-Ptolemaida, 162–150 a.C., Bibliothèque nationale de France, Monnaies, médailles et antiques (domínio público)

"Jônatas e o povo não acreditaram nessas palavras [...], porque se lembraram do grande mal que ele fizera em Israel. [...] E tiveram por bem Alexandre, porque fora o primeiro a dirigir-lhes palavras de paz."

1 Macabeus 10:46–47

A guerra decidiu o resto. Em 150 a.C., Demétrio caiu em batalha, e Alexandre casou em Ptolemaida com Cleópatra, filha de Ptolomeu VI, rei do Egito. Quando "homens pestilentos de Israel" vieram acusar Jônatas nas bodas, o rei mandou tirar dele as próprias vestes e vesti-lo de púrpura, sentou-o ao seu lado, e os acusadores fugiram. Depois, diz o livro, o rei "o glorificou" e o inscreveu entre "os primeiros amigos".[2] Dali em diante o cargo dependia de quem estivesse no trono. Demétrio II "lhe confirmou o sumo sacerdócio", e Antíoco VI escreveu de novo: "confirmo-te o sumo sacerdócio". Três reis, três confirmações.[3]



Tetradracma de prata cunhado em Akê-Ptolemaida, c. 150 a.C., com os bustos de Cleópatra Teia, velada e com diadema, à frente, e de Alexandre Balas atrás: o rei que mandou a Jônatas a carta, a púrpura e a coroa, e a filha de Ptolomeu VI com quem ele se casou nessa mesma cidade. Bibliothèque nationale de France, Monnaies, médailles et antiques (domínio público).

Tetradracma de Cleópatra Teia e Alexandre Balas, Akê-Ptolemaida, c. 150 a.C., Bibliothèque nationale de France, Monnaies, médailles et antiques (domínio público)

O pai tinha recusado

1 Macabeus 2:18

καὶ ἔσῃ σὺ καὶ οἱ υἱοί σου τῶν φίλων τοῦ βασιλέως καὶ σὺ καὶ οἱ υἱοί σου δοξασθήσεσθε ἀργυρίῳ καὶ χρυσίῳ

"E serás tu e teus filhos dos amigos do rei, e tu e teus filhos sereis glorificados com prata e ouro."

Uns quinze anos antes, em Modin, os oficiais de Antíoco IV tinham feito essa oferta ao pai de Jônatas, e Matatias recusou, porque ela vinha com o abandono da aliança: "eu, meus filhos e meus irmãos andaremos na aliança dos nossos pais". A carta de 152 não pedia a Jônatas que deixasse a Lei, e as duas cenas não são iguais. Mesmo assim, o filho aceitou o título que o pai tinha recusado, e foi "glorificado" pelo rei com o mesmo verbo.[4] O autor de 1 Macabeus não comenta o contraste; a observação é nossa.

Antes de Jônatas, a honra já tinha ido a leilão de verdade: Jasão obteve o sumo sacerdócio prometendo ao rei trezentos e sessenta talentos, e Menelau, "tendo glorificado o rei", o tomou oferecendo trezentos a mais. Por volta de 161 a.C., Alcimo foi a Demétrio levando "uma coroa de ouro" e se queixou de ter perdido "o sumo sacerdócio". O candidato levava a coroa de ouro ao rei; em 152, é o rei que manda a coroa ao candidato.[5]

Púrpura nas vestes de Arão

Seria fácil demais opor a púrpura do rei às vestes santas. A Lei já tinha púrpura e ouro: as vestes de Arão eram de "ouro, azul, púrpura, carmesim e linho", com uma lâmina de ouro puro que Êxodo chama de "o diadema santo", e Ben Sira fala de "uma coroa de ouro sobre o turbante" do sumo sacerdote. A diferença não estava no material, mas em quem dava a veste. A púrpura e a coroa de Alexandre eram insígnias da corte selêucida; o diadema santo era da Lei.

Também não se pode dizer que toda nomeação feita por rei fosse ilegítima: foi Salomão quem "pôs Zadoque, o sacerdote, no lugar de Abiatar". O problema de 152 era outro. O rei era estrangeiro, e o cargo tinha virado lance de leilão.[6] Josefo, que reconta tudo, chega a contar a nomeação de dois jeitos: na carta, Alexandre escreve *cheirotonoûmen*, "nomeamos-te"; no livro XX das *Antiguidades*, quem "constitui Jônatas sumo sacerdote" é a própria família dele.[7]



de Goúde Kleederen des Hoogen Priefters.

O sumo sacerdote de corpo inteiro nas "vestes de ouro" de Êxodo 28, com o turbante alto, o peitoral das doze pedras sobre o éfode e o manto até os pés, em água-forte de Jan Luyken para De republyk der Hebreen, de Petrus Cunaeus (Amsterdã, 1682). Rijksmuseum, Amsterdã, RP-P-1896-A-19368-298 (CC0).

Jan Luyken, Amsterdã, 1682, Rijksmuseum, Amsterdã, RP-P-1896-A-19368-298 (CC0)

1. 1 Macabeus 10:22–45 (10:23, 25, 29–32, 36, 39–40). Sobre a autenticidade da carta, J. A. Goldstein, *I Maccabees* (Anchor Bible 41, Doubleday, 1976).
2. 1 Macabeus 10:48–65; o casamento é do ano 162 selêucida, 150 a.C. (10:57).
3. 1 Macabeus 11:27 e 11:57.
4. 1 Macabeus 2:18–20; 10:65 e 10:88.
5. 2 Macabeus 4:7–8 e 4:24–25 (Menelau "sem trazer nada digno do sumo sacerdócio"); 14:4–7 ("no ano 151" selêucida, por volta de 161 a.C.).
6. Êxodo 28:5–6 e 39:30; Ben Sira 45:12–13, na Septuaginta ("nenhum estrangeiro" vestiu aquelas vestes); 1 Reis 2:35.
7. Josefo, *Antiguidades* 13.45 ("honrado por nós") e 20.238. A *Guerra judaica* (1.48–49) nem menciona o sumo sacerdócio de Jônatas. Só Josefo põe na carta de Demétrio a cláusula do "único santuário" (13.54), talvez à luz do templo de Onias no Egito; é hipótese.

Capítulo III

Um rei de origem incerta

Quem era esse Alexandre? 1 Macabeus o chama de "o filho de Antíoco, Epífanes", sem discutir, e Josefo o aceita como filho de Antíoco IV, o rei contra quem os Macabeus tinham se levantado, com um apelido: "Alexandre, chamado Balas".[1] As fontes gregas e latinas contam outra história.

A mais antiga é a de Políbio, contemporâneo dos fatos. Por volta de 153 ou 152 a.C., conta ele, um certo Heraclides, antigo encarregado das rendas de Antíoco IV e expulso por Demétrio I, chegou a Roma com dois jovens, Laodice e Alexandre, e ficou na cidade "com encenação e ao mesmo tempo com malícia", preparando o terreno junto ao Senado. O rapaz pediu que se lembrassem da amizade "com Antíoco, seu pai". E Políbio dá o seu juízo.



"Aos homens sensatos nada disso agradava: percebiam a montagem do drama e abominavam Heraclides abertamente. Mas a maioria, seduzida pelos feitiços de Heraclides, deixou-se levar a redigir um decreto."

Políbio, *Histórias* 33.18.10–11

O decreto falava de "filhos de um rei que foi nosso amigo e aliado" e não dizia qual rei.[2] Políbio não usa a palavra "impostor"; fala de encenação e de drama montado. Diodoro, num fragmento conservado em excertos bizantinos, conta que um rei de Pérgamo mandou buscar em Esmirna um rapaz muito parecido com "Antíoco, que antes reinara sobre a Síria", que "afirmava ser filho do rei Antíoco, e muitos acreditavam nele por causa da semelhança".[3] Quem diz com todas as letras que ele mentiu sobre a própria origem são Justino e Apiano. Para Justino, puseram "em cena um certo Balas, jovem da mais baixa condição", deram-lhe "o nome de Alexandre", e no fim ele pagou a pena a Antíoco, "cuja origem tinha falsamente alegado". Para Apiano, ele "se dizia falsamente da família dos Selêucidas". E os resumos antigos da história de Lívio o chamam de "homem desconhecido e de estirpe incerta".[4]

As moedas dele, cunhadas em Antioquia a partir de 150 ou 149 a.C., dizem "do rei Alexandre, de pai divino, benfeitor"; o mais natural é ler no "pai divino" Antíoco IV, o "Deus Epífanes" das moedas, mas é interpretação.[5] Rei rival desde

152, sozinho de 150 a 145, Alexandre terminou derrotado e decapitado na Arábia. Dizia-se filho de Antíoco IV; os historiadores gregos e romanos o tinham por fabricado, posto no trono por Pérgamo e pelo Egito, com a bênção do Senado. Foi ele quem mandou a Jônatas a púrpura e a coroa.

---

1. 1 Macabeus 10:1; Josefo, *Antiguidades* 13.35 e 13.119.
2. Políbio, *Histórias* 33.15.1–2 e 33.18.6–14, no grego da edição de Th. Büttner-Wobst. Quem era Heraclides: Apiano, *Síria* 45 e 47.
3. Diodoro da Sicília 31.32a, no grego da edição de L. Dindorf, controlado pela tradução de F. R. Walton (Loeb). O manuscrito diz "Eumenes", provável erro por Átalo II; o nome "Alexandre" não aparece no excerto, e a identificação, segura pelo contexto, é dos editores.
4. Justino, *Epítome de Trogo* 35.1.6–7 e 35.2.4 (*cuius mentitus originem fuerat*); Apiano, *Síria* 67; Lívio, *Periochae* 52 (*homo ignotus et incertae stirpis*). O sentido do nome "Balas" é incerto.
5. ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ ΘΕΟΠΑΤΟΡΟΣ ΕΥΕΡΓΕΤΟΥ (Houghton–Lorber, *Seleucid Coins*, SC 1781, segundo o catálogo Wildwinds; as peças não foram vistas). O fim de Alexandre: 1 Macabeus 11:8–19; Josefo, *Antiguidades* 13.116–119.

Capítulo IV

Sete anos sem sumo sacerdote

Jônatas era sacerdote de nascimento. Matatias, o pai, era "sacerdote dos filhos de Joarib, de Jerusalém", e na lista das vinte e quatro turmas de sacerdotes, em 1 Crônicas, "a primeira sorte saiu para Jeoiarib". Josefo acrescenta à genealogia um antepassado, Asamoneu, de onde vem o nome "hasmoneus".[1] Família sacerdotal, e da primeira turma, mas não a casa que tinha o sumo sacerdócio. Como vimos no fascículo sobre a dinastia dos hasmoneus, o cargo estava havia gerações com a família de Onias, que a tradição ligava a Zadoque; Ben Sira, por volta de 180 a.C., ainda louvava "Simão, filho de Onias,

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S02-006

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *A honra por carta*. O fascículo inteiro tem 52 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender

---

www.diegon.org/membros · youtube.com/@CrerParaCompreender